

GRAVETOS NO CAMINHO: MARCAS DO RASTRO CRIADOR EM GRAVETOS (1993) DE REGINA RODRIGUES

*STICKS ON THE WAY: REGINA RODRIGUES'S TRACE FROM
THE CREATOR'S TRAIL IN STICKS (1993)*

Tatiana Campagnaro Martins

Universidade Federal do Espírito Santo/PPGA-UFES/CAPES

José Cirillo

CNPQ/FAPES/ Universidade Federal do Espírito Santo /PPGA-UFES

RESUMO

Neste artigo, tomamos para análise o trabalho intitulado Gravetos (1993), da artista mineira Regina Rodrigues (1959-), uma instalação em cerâmica realizada na *Galeria Espaço Universitária*, da Universidade Federal do Espírito Santo. Buscamos através de relatos retrospectivos de sua chegada a Vitória, possíveis relações entre o processo de criação dessa obra e o espaço da nova cidade.

Palavras-chave: Arte; Cerâmica; Processo de criação; Paisagem; Instalação.

ABSTRACT

In this article, we take to analyze the work entitled Sticks (1993), a ceramics installation made by Regina Rodrigues (1959-), an artist from Minas Gerais, in the EspaçoUniversitário Gallery, at Espírito Santo Federal University. Through retrospective accounts of hers arrival in Vitória, we look for possible relationships between the creation process of this work and the space of the new city.

Keywords: Art; Ceramics; Creative process; Landscape; Installation.

Introdução

Este artigo é parte dos estudos que investigam o processo de criação de artistas contemporâneos no Espírito Santo. Desenvolvido com recursos da CAPES e da FAPES, junto ao Programa de Mestrado em Artes da Universidade Federal do Espírito Santo. Essa pesquisa está integrada ao grupo de estudos sobre o processo criativo do LEENA/UFES, que busca mapear a produção artística capixaba. Nossa atenção se volta para os trabalhos da artista plástica Regina Rodrigues (1959-), radicada no Espírito Santo desde os anos de 1992, período que demarca o recorte desta investigação em curso. Para estudar os aspectos do processo de criação da artista, buscamos analisar a obra de arte a partir de sua construção, onde ela é o ponto de partida para se desvendar os meandros da criação.

Neste estudo analisaremos o trabalho *Gravetos*, uma instalação realizada em 1993, na *Galeria Espaço Universitário*, em Vitória. Pretendemos refazer alguns dos possíveis caminhos percorridos pela artista durante o desenvolvimento do trabalho, buscando estabelecer relações entre o seu processo de criação e o seu “habitar” no espaço da nova cidade para a qual se mudou.

A hipótese de uma relação entre essa obra e a nova paisagem na qual a artista passou a residir, surgiu a partir de entrevista nos cedida em 30 de abril de 2014. Conscientes de que a entrevista como documento de processo é um registro editado do ato criador, ou seja, uma informação mediada pela racionalidade do artista, mas que pode guardar nuances desse momento e conter informações importantes sobre a criação do trabalho. Iremos utilizá-la como fonte, na busca por referências que possam guiar nossa investigação acerca da criação desta obra, cientes de que ela é posterior ao ato, mas que é um testemunho dele, como afirma Salles:

Entrevistas, depoimentos e ensaios reflexivos são documentos públicos que oferecem, também, dados importantes para os estudos do processo criador; têm, no entanto, um caráter retrospectivo que os coloca fora do momento da criação, ou seja, não acompanham o movimento da produção da obra. (SALLES, 2004, p.19,20).

A obra *Gravetos* foi o primeiro trabalho realizado por Regina na cidade de Vitória, no Espírito Santo, e traz indícios de que o impacto da mudança de ambiente, cidade/Estado/instituição, foi uma das molas propulsoras da obra em questão. Para tal análise, nos parece necessário conhecer um pouco do ambiente afetivo que constituía até então o universo espacial desta artista. Regina Rodrigues é natural de Araguari, em Minas Gerais, onde passou a infância entre a fazenda e a cidade. Graduiu-se em Decoração pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), em 1981 e em Artes Plásticas em 1983. Teve maior identificação com as áreas da tridimensão, em especial nas linguagens da Cerâmica e Tecelagem (RODRIGUES, 2014). Após sua formação ministrou aulas de Cerâmica junto à Universidade, onde se formou. Manteve, naquele momento, a oficina de Cerâmica da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) como espaço de aula e – dupla atuação e ocupação do espaço que a artista vai continuar se colocando mesmo depois do seu deslocamento para o Espírito Santo. Em 1992, mudou-se para Vitória, assumindo a cadeira de cerâmica do Curso de Artes, na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Em entrevista, Regina Rodrigues falou sobre o momento de sua chegada à cidade.

Quando eu mudei de Uberlândia para cá, eu... foi muito engraçado! Porque eu fui morar muito próximo da universidade! Então...o que eu fazia? Eu fazia sempre o mesmo trajeto. O

que me deu uma obra, que é o “caminho, caminhos, caminho”. O caminho tem a ver com isso, que é... exatamente... exatamente, o caminhar da minha casa para a universidade [...]. (RODRIGUES, 2014).

Quando a artista fala em “caminho” e “caminhos”, se refere à obra *Gravetos*, o que nos leva a crer que a nova rotina e o trajeto diário, de alguma forma, sensibilizaram sua percepção.

O trajeto como imagem geradora

Tomando como referência a fala da artista sobre seus “caminhos”, começamos a investigar esses trajetos, não só como “deslocamento”, para a universidade ou pela cidade, mas também como “descobrimto” de um novo ambiente que passou a habitar. Assim, nos parece que da dualidade entre o deslocamento e o descobrimto, começa a configurar-se um novo momento na obra de Rodrigues – no qual tem sua percepção afetada pela nova relação que [ela] é obrigada a estabelecer com o ambiente que a contém e pelo qual se desloca. Deslocar-se pelo novo ambiente, a levou a criar outros modos de relação afetiva com o espaço, [e] que parecem acionar uma nova percepção ambiental na artista.

Yi-Fu Tuan (1930), em *Topofilia*, traça uma interessante reflexão sobre os modos como o ambiente afeta a percepção dos sujeitos, bem como seus modos de organizar suas práticas e saberes. Esse autor define percepção como “[...] tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados [...]” (1980, p.4). Em busca dos elementos desse ambiente físico - que possivelmente despertaram o interesse da artista, descreveremos o percurso realizado por ela diariamente. O autor afirma que duas pessoas não veem do mesmo modo a mesma realidade, mas

que podem compartilhar percepções comuns, por terem órgãos perceptivos similares e modos de existir contaminados por um compartilhamento social e cultural (Idem, p.6). Assim, acreditamos que podemos descrever o itinerário segundo nossas experiências e lembranças do percurso daquela época.

Caminhando de seu apartamento, no bairro Jardim da Penha, até às dependências do Centro de Artes na UFES, local onde realizava sua atividade como docente, pesquisadora e artista plástica, Regina Rodrigues percorria aproximadamente, 300 metros. Seguiu pela calçada, entre os prédios de três pavimentos e a rua asfaltada com tráfego leve. Esse primeiro trecho do trajeto é pouco arborizado e se encerra no encontro com a Avenida Fernando Ferrari, uma pista de mão dupla, com trânsito intenso, separadas por grandes blocos de concreto conhecidos como ‘gelo baiano’. Era necessário aguardar o semáforo para conseguir atravessar para o outro lado, onde fica o campus da UFES. Na segunda parte do trajeto, até chegar ao Centro de Artes, era preciso ainda percorrer mais uns 300 metros, por uma espécie de passarela cimentada, que corta um imenso gramado sob grandes árvores, de copas plenas que deixam que o sol penetre apenas por fachos de luz. Essas árvores ocupam o espaço livre entre as construções. Esse trajeto é uma passarela de aproximadamente 3 metros de largura, ladeada por Flamboyants, Acácias, Eucaliptos e Ipês que florescem ao longo do ano. Desse caminho construído em linha reta, bifurca-se uma série de atalhos desenhados na grama pela insistente passagem das pessoas apressadas, que por ali transitam (Figuras 1, 2 e 3). Mais que atalhos, esses caminhos de resistência aproximam o passante ainda mais das árvores e dos animais que as ocupavam.

De que forma essa paisagem tão distinta daquelas do cerrado no Brasil Central, despertou

os sentidos da artista? Referimo-nos aqui à paisagem segundo Maderuelo: “[...] uma construção, uma elaboração mental que os homens realizam através dos fenômenos de uma cultura [...]” (2006, p.17), (tradução nossa)¹⁰. Segundo ele, a paisagem não é apenas o lugar com seus elementos físicos; montanhas, planícies, rios, praias, árvores, flores, frutos, animais e assentamentos humanos, esses são apenas o substrato físico.



Figura 1, 2 e 3: Centro de Artes, UFES.

Fonte: fig 1: <<http://ecivilufes.wordpress.com/ufes/fotos/paisagens-ufes-18/>>. Acesso em 05 out 2014.

fig.2 <http://ecivilufes.wordpress.com/ufes/fotos/paisagens-ufes-19/>> Acesso em 05 out 2014.

fig.3< <http://graduacao.ufes.br/centro-de-artes-%E2%80%93-car>. Acesso em 22 ago. 2014.

As ideias, sensações e sentimentos que elaboramos por meio dos elementos físicos constituintes do lugar é que o eleva a categoria de paisagem. Para usarmos de forma correta o termo paisagem, é necessário que haja um olho, um observador que contemple esse conjunto de elementos físicos e que através de sentimentos, os interprete emocionalmente (MADERUELO, 2006).

Javier Maderuelo afirma que ao pensarmos nos elementos de uma paisagem geralmente nos atemos aos sólidos como árvores, montanhas, rios e mares. Mas que a luz, geralmente associada ao fenômeno que possibilita a visão da paisagem, também pode ser considerada um elemento constituinte dela, já que “[...] suas qualidades cromáticas, intensidade, direção e ângulo de difusão [...] constituem alguns dos valores emocionais e plásticos mais importantes de uma paisagem [...]” (2006, p.143, tradução nossa)¹¹. Além da luz incluiremos também, nesse caso, o vento, o som e o cheiro como elementos importantes na percepção desse espaço.

Ao refletir sobre a percepção do ambiente, Yi-Fu Tuan (1980) analisa os sentidos humanos e diz que percebemos o mundo simultaneamente através desses sentidos. Ele destaca a visão como predominante, pois somos capazes de captar informações espaciais precisas e detalhadas, por isso damos mais valor ao que vemos do que ao que ouvimos. No entanto, somos mais sensíveis ao que ouvimos do que ao que vemos. Ele acredita que o homem moderno tende a negligenciar o olfato, mas que o odor é capaz de evocar nossa memória, trazendo lembranças e sensações.

Voltemos ao novo trajeto percorrido diariamente pela artista. Partindo do princípio que “[...] com boa vontade uma pessoa poderá entrar no mundo da outra, apesar das diferenças de idade, temperamento e cultura [...]” (TUAN, 1980, p.7), imaginemos então o impacto de sair de uma área

urbana; entre edifícios e carros, o calor do asfalto, o som dos veículos, o cheiro da fumaça e chegar a um espaço gramado, arborizado, onde o sol atravessa a vegetação ao som do farfalhar das folhas e o aroma da vegetação. Não acreditamos que essa experiência, o contraste entre o urbano e o ambiente arborizado do campus, seja algo nunca vivenciado antes pela artista que durante boa parte de sua infância e juventude viveu na cidade, mas passava os fins de semana na fazenda. Entretanto, como rotina diária essa era uma novidade e as impressões fugazes, as sensações evocadas pela memória da terra natal deram lugar a sentimentos que a levaram a deter sua atenção a alguns elementos constituintes dessa nova paisagem. Parece-nos que Rodrigues se colocou no movimento de interpretar emocionalmente esse lugar de seus percursos, cuja iluminação parecia recortada, mediada pelas árvores, ora por suas copas abundantes, ora por grandes cachos de flores vermelhas, amarelas ou roxas espalhadas pelo espaço que percorria.

Em entrevista, a artista relata que a pesquisa que desenvolvia na época sobre as argilas do Espírito Santo também direcionou seu olhar para o entorno. Ela buscava entender não somente a paisagem, mas também a matéria-prima de sua obra, o barro.

[...] e também os projetos, comecei a fazer o projeto que me fez enxergar também o entorno, a conhecer um pouco mais onde eu estava, que foi a pesquisa, a pesquisa sobre as argilas. [...] me deu uma visão de como é estar aqui e estar em Minas [...] a pesquisa me fez andar, buscar né! Buscar coisas, conhecer o espaço [...].
(RODRIGUES, 2014).

A partir desta fala da artista, ficou evidente como as diferenças e semelhanças geográficas permeavam seus pensamentos. As lembranças evocadas pelos estímulos externos da paisagem se tornaram fonte geradora de estímulos internos que a levaram a coletar “coisas”, entre elas, os gravetos que encontrava no caminho. Inicialmente colecionou esses objetos, guardando-os e observando-os diariamente. Rodrigues se coloca como uma coletora. Primordial ato de sobrevivência, coleciona objetos - arqueologias de seus trajetos. Em um segundo momento, selecionou alguns desses gravetos e os reproduziu em argila a partir de moldes de gesso (RODRIGUES, 2014).

Da coleta à imagem geradora: um processo em evidência

Os gravetos selecionados por um colecionador de variedades foram se tornando um projeto poético. Traduzidos para outra materialidade, esses se transformaram em módulos de barro, replicados em série. À medida que esses secavam, antes mesmo de se desidratarem totalmente, as formas eram buriladas, alisadas por pequenas pedras, também colhidas pela artista no seu novo espaço de vivência. Esse processo dava à argila uma superfície lisa e quase brilhante. As peças em argila foram queimadas em forno elétrico, algumas com engobe preto, outras em sua cor natural. As que permaneceram na cor da argila foram queimadas novamente em latão com serragem, adquirindo manchas da fumaça sendo, posteriormente, enceradas com graxa incolor. Nessa entrevista a artista também comentou

10 “El paisaje es un constructo, una elaboración mental que los hombres realizamos a través de los fenómenos de la cultura”. (MADERUELO, 2006, p.17).

11 “[...] cualidades cromáticas, intensidad, dirección, grado de difusión, [...] constituyen algunos valores emocionales y plásticos más importantes de un paisaje [...]”. (MADERUELO, 2006, p.143).

sobre a relação das cores em seus trabalhos e, com a mudança de Uberlândia para Vitória. “[...] Quando eu vim de Uberlândia para cá, eu já vim tirando a cor. Foi muito engraçado, já não veio a cor mais comigo. Eu só usei a cor do próprio pigmento, da própria natureza daqui [...]” (RODRIGUES, 2014).

Ao receber o convite para expor na *Galeria Espaço Universitário*, a artista montou uma instalação com os módulos que vinha produzindo (Figura 4). Os gravetos em cerâmica, dezenas deles, foram dispostos lado a lado, ocupando aproximadamente 2 metros quadrados do piso da galeria, formando uma espécie de caminho.

Eram na verdade dois caminhos, um formado com os gravetos mais escuros, trabalhados com engobe¹² e o outro pelos mais claros, queimados na fumaça. Fixados por trás com um arame, a artista deslocou verticalmente alguns gravetos e lateralmente outros, criando movimento. Esses caminhos irregulares, ora estavam lado a lado, ora se cruzavam, passando um por cima do outro, como se acompanhassem a topografia de um solo imaginário, como os atalhos e bifurcações criados pelos transeuntes sobre a grama do campus.

Salles (2004), ao falar sobre a relação entre a matéria e a intenção criativa, afirma existir uma interdependência entre esses elementos. Considera como matéria tudo aquilo que o artista escolhe, manipula e transforma em prol da obra. No caso do trabalho em questão, *Gravetos*, observamos nas escolhas da artista uma forte relação com o meio físico, com a paisagem e a natureza. Essa relação se estende desde a sensibilização pelos elementos físicos do lugar até a montagem da obra no espaço da galeria, passando pela apropriação dos obje-

tos, pela escolha dos materiais e dos procedimentos técnicos para a execução do trabalho.

Os caminhos, formados pelos gravetos de cerâmica reproduzidos a partir dos gravetos coletados pelos caminhos da artista, são a materialização da relação dela com a nova paisagem e, porque não dizer, a materialização de seus caminhos, com a memória e os sentimentos do passado e o envolvimento com o novo espaço, o presente.

Referências

- MADERUELO, Javier. *El paisaje: génesis de um concepto*. Madrid; Abada Editores, 2006.
- RODRIGUES, M. Regina. Maria Regina Rodrigues: depoimento [abr. 2014]. Entrevistador: Tatiana Campagnaro Martins. Vitória, 2014. 1 arquivo MP3 (23:59 min.).
- SALLES, Cecilia Almeida. *Gesto inacabado: processo de criação artística*. 2. ed. São Paulo: FAPESP/Annablume, 2004.
- TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Editora Ática, 1992.

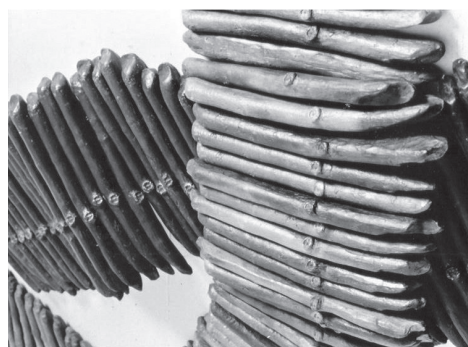


Figura 4: Regina Rodrigues. Detalhe da instalação *Gravetos*, 1993. Galeria Espaço Universitário
Fonte: Acervo da artista.

12 Engobe: argila líquida, de cor natural ou pigmentada com minerais, que é utilizada para pintar a superfície de outra argila antes da queima.